

A Casa do Saber Purubora: A Etnomatemática na Arquitetura Transdisciplinar da Vida

Luiz Antonio dos Santos Magalhães

Seringueiras, Rondônia, Brasil

iasdsfg@gmail.com

Mestrando em Educação Matemática – PPGEM

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

0009-0006-3585-7751

Como professor de matemática, fui formado para enxergar o mundo através de lentes específicas dos números, formas, teoremas e equações que muitas vezes parecem bastar a si mesmos. No entanto, o exercício da docência no interior do Estado de Rondônia tem me ensinado que a verdadeira sala de aula é aquela que transcende as quatro paredes de concreto e nos revela que o conhecimento, em sua essência, é um rio caudaloso que não aceita as margens estreitas das divisões disciplinares. Esse anúncio transdisciplinar me atravessou de forma inesquecível ao levar meus alunos do ensino médio para uma visita à Aldeia Aperi do Povo Indígena Purubora¹, no município de Seringueiras, Rondônia.

Logo na chegada, fomos capturados por uma estrutura que parecia desafiar a paisagem ao redor: a imponente Casa de Palha Purubora. Era uma construção magnífica, cujas fibras de palha brilhavam sob o sol, dominando o espaço e aquietando, por um instante, o burburinho curioso dos adolescentes – (*olha lá uma oca*). Ali não estava apenas um abrigo, mas a materialização de uma resistência cultural que se impõe pela beleza e pela técnica. Movidos pelo encantamento, fomos convidados pelo Sabedor indígena a entrar. Ele nos guiou para o interior daquela grande estrutura orgânica e pediu que olhássemos para cima, contemplando o esqueleto daquela arquitetura ancestral. Foi ali, sob aquele teto tecido à mão e carregado de significados, que o que eu imaginava ser

¹ Optou-se, em toda a extensão deste trabalho, pela grafia **Purubora** (sem acentuação gráfica), em respeito à autodeterminação linguística e à estrutura da língua materna deste povo. Embora a gramática normativa da língua portuguesa convencie o uso do acento agudo (Puruborá), esta crônica assume uma postura decolonial que privilegia os ensinamentos e a transmissão oral do povo. Essa escolha ortográfica fundamenta-se nas orientações do Sabedor Indígena Mário Oliveira Neto Purubora (informação verbal).



simples figuras da geometria se transformou na mais profunda experiência transdisciplinar da minha jornada como educador.

O Sabedor começou a narrar a história de como aquela casa foi erguida, descrevendo os trinta dias de um trabalho árduo que exigiu tanto do corpo quanto da memória. Conforme ele falava, uma inquietação profunda tomou conta de mim: as rígidas fronteiras das disciplinas escolares, que eu tanto me esforçava para manter organizadas em meu planejamento, começaram a desmoronar diante dos meus olhos e dos meus alunos. Naquele instante, a teoria se tornava prática e a prática se tornava vida. Meu despertar para a transdisciplinaridade aconteceu no exato momento em que percebi que, para o povo Purubora, construir a Casa de Palha é um ato onde é impossível separar um conhecimento do outro.

Essa percepção transformou a visita em uma imersão onde o currículo escolar, antes estático, ganhou vida e movimento. A biologia das plantas, por exemplo, deixou de ser um mero tópico de um livro didático para pulsar na sabedoria aplicada de identificar a resistência fibrosa de cada cipó e o ciclo vital das folhas de buriti. O Sabedor nos ensinou que a maturação da palha não é apenas um evento biológico, mas o ponto exato de uma engenharia florestal que define a durabilidade da cobertura contra o sol amazônico.

A geografia deixou de ser a descrição de mapas para tornar-se uma leitura crítica e dolorosa do território. Ao relatar que os materiais originais haviam sido dizimados pelo avanço implacável da agropecuária, o Sabedor fundiu a espacialidade à ecologia e à história de resistência. O fato de terem que percorrer mais de cinquenta quilômetros em busca de matéria-prima revelou aos alunos uma logística da sobrevivência: a distância física percorrida era, na verdade, uma medida da devastação ambiental e da persistência daquele povo em manter sua identidade arquitetônica.

Mesmo a matemática e a física, que eu via claramente na base octogonal de oito pilares robustos e nas amarras triangulares e geométricas que sustentavam o teto, não operavam em um vácuo técnico. Aquelas vigas, que eu enxergava como vetores de força e



ângulos de inclinação, eram, na verdade, sustentadas por algo invisível aos olhos puramente matemáticos: a cosmologia indígena e a observação do céu. O Sabedor explicou que a física da durabilidade é ditada pelos astros: a madeira possui um tempo sagrado de corte, regido pelas fases da lua. O momento em que a seiva repousa é o cálculo astronômico que garante a imunidade da madeira contra pragas e o tempo. Ali, a trigonometria dos telhados e o equilíbrio das cargas eram indissociáveis da fé e da observação milenar.

Toda essa complexidade era alinhavada por uma sociologia viva baseada no afeto e no trabalho: o mutirão. A construção não era apenas um esforço de uma pessoa só, mas um laço comunitário que uniu toda a aldeia em um único propósito, revivendo a memória coletiva de seus ancestrais. Percebi ali que ensinar esses saberes de forma isolada seria como tentar separar as águas de um rio. A transdisciplinaridade, que nós acadêmicos tanto teorizamos, não era um conceito novo para eles, era pura e simplesmente, o seu modo de existir e viver.

Sob o teto da Casa do Saber, compreendi que a transdisciplinaridade para os Purubora se revela como uma prática de interdependência absoluta. Compreendi que não se pode erguer um pilar de sustentação e calcular sua inclinação (Matemática e Física) sem o conhecimento profundo da floresta e da firmeza das espécies (Biologia); não se garante a durabilidade da obra sem o respeito ao tempo dos astros e às influências lunares sobre a seiva (Astronomia e Cosmologia); não se domina a técnica sem a leitura sensível do território e de seus recursos escassos (Geografia); não se sustenta o peso da estrutura sem a coesão social do mutirão (Sociologia); e, fundamentalmente, não se constrói o presente sem honrar a memória viva e os legados deixados pelos ancestrais (História). Ali, cada pilar fincado na terra sustenta muito mais do que palha e madeira, sustenta a arquitetura viva de um povo resistente na Amazônia.

O auge daquela manhã, no entanto, não veio de uma explicação técnica, mas da inquietação de um jovem. Um dos meus alunos levantou a mão e, com os olhos fixos na



complexidade das amarrações de cipó, fez a pergunta que ecoava silenciosamente em muitas mentes ali: *"Mas por que construir uma casa de palha tão grande, com tanta dificuldade, se hoje moramos em casas de madeira ou alvenaria? Por que construir uma casa se ninguém vai morar aqui dentro?"*.

O Sabedor sorriu com a paciência de quem guarda o tempo. Notei o seu entusiasmo crescer, um brilho nos olhos que revelava o orgulho de quem não apenas constrói, mas mantém vivo um legado. Ele olhou para o garoto e respondeu com uma serenidade que silenciou o ambiente: *"Porque esta casa não é feita para morar o corpo. Ela é um local de Saber. É aqui que fazemos nossa reunião, nossa Pajelança, nossa reza e contato com os espíritos dos ancestrais"*.

Naquele instante, a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática anunciou-se para mim como um relâmpago. Percebi, através do olhar admirado dos meus alunos, que aquela estrutura não era um mero abrigo físico, mas o próprio currículo vivo do povo Purubora. O saber, para eles, recusa a fragmentação das nossas gavetas acadêmicas. O cálculo exato da construção não existe sem a espiritualidade que a habita; o relevo da terra e os ciclos da natureza ditam o ritmo da convivência comunitária. Na Casa do Saber, tudo está umbilicalmente conectado.

A minha concepção como professor de matemática sofreu uma mudança radical. Compreendi que o Programa Etnomatemática, em sua essência transdisciplinar, é um convite para derrubar os muros que construímos entre as ciências e a vida. O cálculo da distância para buscar a palha funde-se com a história de resistência; a proporção áurea da estrutura entrelaça-se com a cosmologia da lua. É uma matemática que se celebra no encontro, na reza e na memória.

Saí da Aldeia Aperoí com a convicção de que a verdadeira educação não é aquela que divide o conhecimento para tentar explicá-lo, mas aquela que une todas as dimensões da existência para, enfim, honrar a complexidade do ser humano. Sob o teto de palha, aprendi que a matemática é apenas um fio na grande teia da vida, e que a nossa missão



como educadores é ensinar os nossos alunos a enxergar a beleza e a potência dessa teia inteira, vibrante e indissolúvel.

Por fim, não poderia encerrar este relato sem registrar a minha mais profunda e reverente gratidão ao povo Purubora, que nos abriu as portas da Aldeia Aperi com uma receptividade afetuosa e uma generosidade ímpar. O acolhimento que eu e meus alunos recebemos transcendeu qualquer formalidade escolar, transformando-se em um verdadeiro abraço cultural. Um agradecimento especial e afetuoso deve ser dirigido ao Sabedor, uma "biblioteca viva", pela aula magistral e inesquecível que nos foi dada sob o teto sagrado da Casa do Saber. Com sua paciência, sabedoria e voz carregada de ancestralidade, ele não apenas nos explicou como se ergue uma estrutura de palha e madeira, mas como se sustenta a memória e a identidade de um povo inteiro.

Sinto-me imensamente grato e privilegiado por ter tido a oportunidade de mergulhar na riqueza dessa cultura milenar e aprender com práticas da vida. Mais do que tudo, levo comigo a eterna gratidão por este monumental despertar: o encontro genuíno com uma Etnomatemática visceralmente transdisciplinar, que me ensinou de forma definitiva que os números, as formas e os cálculos da minha sala de aula só ganham seu sentido maior quando estão intimamente entrelaçados com as memórias, com os ciclos naturais, com o solo que pisamos e com a espiritualidade vibrante de quem faz da própria existência a mais bela de todas as matemáticas.



A Casa do Saber Purubora: A Etnomatemática na Arquitetura Transdisciplinar da Vida

The House of Knowledge Purubora: Ethnomathematics in the Transdisciplinary Architecture of Life

La Casa del Saber Purubora: La Etnomatemática en la Arquitectura Transdisciplinaria de la Vida

Resumo

Esta crônica relata a vivência de um professor de matemática com alunos do ensino médio na Aldeia Aperi do Povo Indígena Purubora. A observação da imponente Casa de Palha revelou uma complexa rede de saberes integrados que desafia a fragmentação escolar. A narrativa descreve como a biologia, ecologia, história de resistência, geografia, sociologia, astronomia e cosmologia se entrelaçam na física e engenharia da construção e arquitetura. Esse momento único revela o espaço como a Casa do Saber, consolidando o anúncio de uma Etnomatemática na arquitetura transdisciplinar da vida, onde os saberes tradicionais sustentam a existência, a memória e a identidade de um povo inteiro.

Palavras-chave: Etnomatemática Transdisciplinar. Casa do Saber. Povo Purubora. Educação Matemática. Arquitetura da Vida.

Abstract

This chronicle reports the experience of a mathematics teacher with high school students in the Aldeia Aperi of the Indigenous People Purubora. Observing the imposing Straw House revealed a network of knowledge that challenges school fragmentation. The narrative describes how biology, ecology, geography, sociology, history, and cosmology intertwine in the physics and architecture of the construction. This unique moment reveals the space as the House of Knowledge, consolidating the announcement of an Ethnomathematics in the transdisciplinary architecture of life, where traditional knowledges sustain the existence, memory, and identity of an entire people.

Keywords: Transdisciplinary Ethnomathematics. House of Knowledge. Purubora People. Mathematics Education. Architecture of Life.

Resumen

Esta crónica relata la vivencia de un profesor de matemáticas con estudiantes de secundaria en la Aldeia Aperi del Pueblo Indígena Purubora. La observación de la imponente Casa de Paja reveló una red de saberes que desafía la fragmentación escolar. La narrativa describe cómo biología, ecología, geografía, sociología, historia y cosmología se entrelazan en la física y arquitectura de la construcción. Este momento único revela el espacio como la Casa del Saber, consolidando el anuncio de una Etnomatemática en la arquitectura transdisciplinaria de la vida, donde los saberes tradicionales sustentan la existencia, memoria e identidad de un pueblo entero.

Palabras clave: Etnomatemática Transdisciplinaria. Casa del Saber. Pueblo Purubora. Educación Matemática. Arquitectura de la Vida.

